

Histórias e memórias de um arrabalde de Lisboa.

Um percurso de descoberta da Travessa Henrique Cardoso à Rua de Entrecampos.



JUNTA DE FREGUESIA DE ALVALADE
UMA IDEIA DE AQUILINO MACHADO | 7 DE SETEMBRO 2021

O PROPÓSITO DE UM ITINERÁRIO

A proposta centra-se num itinerário de descoberta de histórias e memórias muito distantes da realidade atual. O seu foco revela-nos a memória de um lugar que começou a ser moldado quando ainda era um arrabalde da cidade de Lisboa.

Na verdade, o percurso desenvolvido fala-nos dos tempos em que a **Rua de Entrecampos** era calcorreada pelo ritmo diuturno dos saloios, que com as suas carroças vinham e iam em direção ao vasto agro "salpicado de granjas, casais e de noras armadas em patíbulos de tijolo" (Aquilino Ribeiro, 1956: "Domingo de Lázaro").

A linha da cintura cortaria a identidade deste subúrbio, mas afirmaria a fixação de um conjunto de indústrias que viriam a beneficiar com o advento desta linha férrea. Apareceram então algumas chanfraduras de associativismo proletário, como aquela que se situava na **Travessa Henrique Cardoso**, um remate de características muito deslumbrantes que demos a conhecer, onde tudo parecia viver como uma identidade reluzente em torno da concentração de mão-de-obra operária. Apareciam então tipologias de alojamentos para as classes laboriosas, como eram então apelidadas, entre as quais a Vila Antunes, construída nas traseiras de um belo edifício. Mas arvoraria também no seu âmago uma coerência funcional em torno de inúmeras carvoarias, padarias, tabernas e casas de pasto que davam a esta travessa um sentido único de advento proletário.

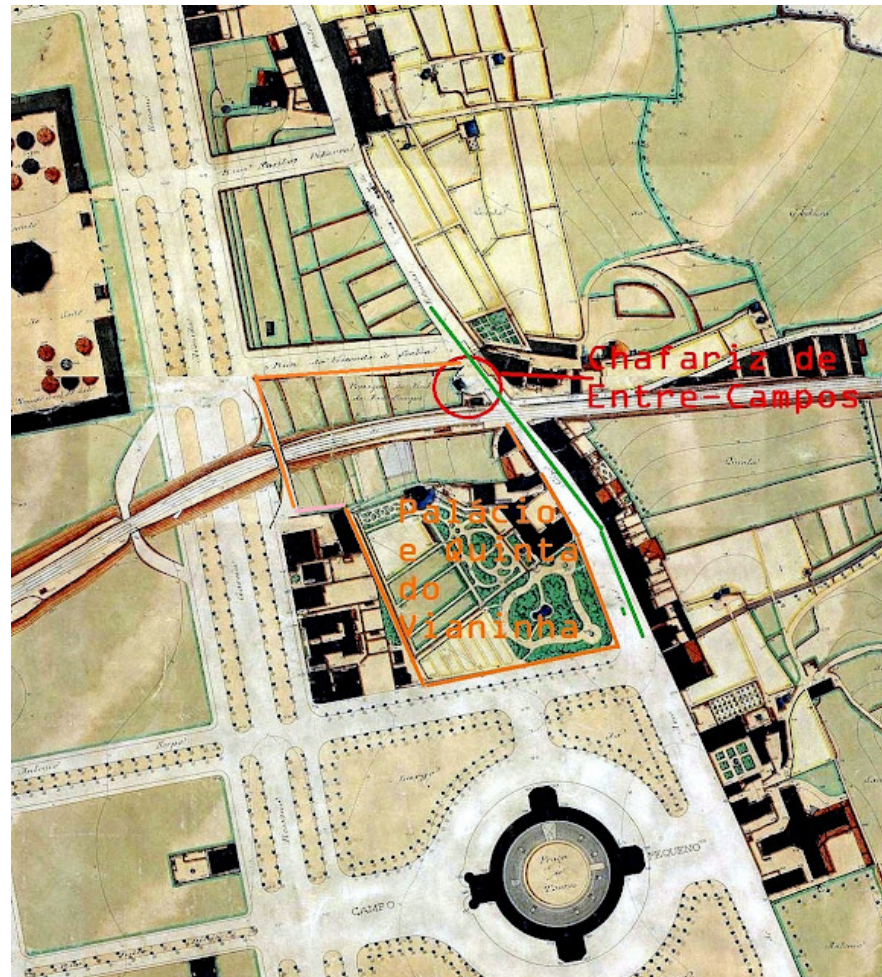
A génese do Bairro de Alvalade, resultado do **Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes**, soube juntar a este pontilhado de arruamentos a organização formal da cidade de Lisboa. Mas em vez de serem suprimidos foram integrados como pré-existências no novel Plano de Urbanização, coordenado pelo arquitecto-urbanista Faria da Costa, e alicerçariam uma ligação à futura Avenida de Roma e ao Bairro de São Miguel (Célula VII).

O DESENHO DE UM ITINERÁRIO

1. Os arrabaldes; a Rua de Entrecampos e a sua relação com a Travessa Henrique Cardoso

Sumário: encetar o itinerário na Rua de Entrecampos acalentando projetar o desenho dos arrabaldes de Lisboa, e o caminho ancestral da estrada de Entrecampos, anterior às Avenidas Novas. Explorar alguns desses resquícios arquitectónicos, como o chafariz de cantaria de calcário lioz, bem como de outros símbolos abraseados que nela se encravavam como o palácio do “Senhor Dr. Abreu”, como era então apelidado por todos aqueles que residiam na Travessa Henrique Cardoso.

Falar da importância da Linha da Cintura e da relação com a fábrica de cerveja “Estrella”, situada na Avenida Sacadura Cabral, e que teve origem na Sociedade de Cervejas Lda, fundada em 1919.



Localização do chafariz de Entrecampos, construído no ano de 1851 [Levantamento topográfico de Lisboa, 1908]



Partida de Bernardino Machado para o exílio, 5 de Dezembro 1917: Apeadeiro Areeiro e edifício do Ferro de Engomar
[Joshua Benoliel, Arquivo Municipal de Lisboa]



A unidade fabril “Estrella”, fundada na Avenida Sacadura Cabral, no ano de 1923.

2. A Travessa Henrique Cardoso

Resumo: Prosseguir o itinerário falando da sociologia proletária da Travessa Henrique Cardoso, e da sua Vila Antunes, uma vila construída atrás do prédio número 77, infelizmente já demolido. Este conjunto habitacional destinado a “famílias proletárias”, era feito através de uma passagem em arco, diretamente sob o edifício principal.

Historiar o edifício do “ferro de engomar”, sede do Grupo Dramático Ramiro José, que existiu no número 107, entre 1923 e 2000, e que guardou incomensuráveis narrativas associativas. Neste sentido, enquadrar um curioso episódio fotográfico e que nos situa o dia 5 de Dezembro de 1917, quando Sidónio Pais chefia uma revolução com o apoio do Partido Unionista. O Presidente do Conselho de Ministro, Afonso Costa, é preso; dissolve-se o congresso e o Presidente da República, Bernardino Machado, é destituído e parte para o exílio em França. A partida para o degredo é feita de comboio, tendo como primeira escala a cidade de Madrid. A fotografia da partida foi fixada pelo fotógrafo Joshua Benoliel, “o fotógrafo beduíno, tanto tira a D. Manuel como tira a Bernardino”. Encontra-se então o Presidente deposto na linha de cintura, mais precisamente na estação de Entrecampos. Ao fundo, vislumbra-se o edifício ferro de engomar, onde a partir de 1923, o grupo dramático **Ramiro José** teria a sua sede.

Abarcar, ainda, as velhas tabernas e carvoaria, enquadrando-as nas novas funções comerciais atualmente existentes. Contar algumas das bruxuleantes estórias sobre estes comerciantes. Uma delas contada pela padeira Zulmira, extraordinária mulher laboriosa da Travessa Henrique Cardoso, e que se encontra captada na seguinte crónica:

“Entro na padaria da Travessa Henrique Cardoso e a padeira octogenária lança-me em tom de armar colóquio:
- sabe que existia uma barbearia nesta travessa? Não sabia, minha senhora. Onde ficava? Pergunto em jeito de súplica. No edifício que guardava a Vila Antunes. Onde moravam os mais pobres dos pobres. Mas não era da barbearia que lhe queria falar., mas do senhor António, o barbeiro. Tocava banjo nas horas vagas, juntamente com o meu vizinho do lado, que se entretinha com um bandolim. E depois havia a filha do barbeiro, de uma beleza rara, difícil de descrever. Chamava-se Amélia, tinha cabelos longos de um louro-queimado e uns olhos verdes bastante vivos. Saio da padaria e percorro a travessa quase vazia de vida. Torno-me partir de hoje um iconoclasta de toponímia, e festejo a nova travessa, a Travessa da doce Amélia ” [Aquilino Machado, Fevereiro de 2021]



A vila Antunes construída atrás do prédio número 77
fotografia de Aquilino Machado, 2013



Edifício do “ferro de engomar”, sede do Grupo Dramático Ramiro José | Fotografia do Arquivo Municipal de Lisboa

3. As ligações ao Bairro de São Miguel/Célula 7

Resumo: Afirmar a importância do Bairro de São Miguel e do Plano de Urbanização do Bairro de Alvalade, alandorado ali tão perto, na salvaguarda de várias pré-existências e na consequente transformação funcional da Rua de Entrecampos e da Travessa Henrique Cardoso. Centrar a importância da sua escola primária como elemento agregador da célula. Conferir a relevância da zona habitacional do interior da Célula 7 desenvolvida entre 1949 e 1951 pelo arquitecto Miguel Jacobetty e que corresponde “à proposta de melhor qualidade da designada arquitectura de regime desenvolvida no Bairro de Alvalade” (Pedro Costa, 2002: 69).



Escola Primária da Célula 7, um projecto de Ruy d'Hathouguia
que consagra a influência de um vocabulário associado ao movimento modernista (Projecto 1949 - 52, construção 1953 - 54)



A Rua Frei Amador Arrais, Célula 7/Bairro de São Miguel. Antes da solução construtiva do edifício gaveto, que correspondeu a uma variante tipo de prédio EG. Estes prédios seriam muito relevantes porque incorporariam a função comercial no piso térreo ausente no Bairro de São Miguel [Arquivo Municipal de Lisboa]

“O Segredo das rosas

Morreu Nuno Teotónio Pereira, o vizinho que mais admirava no meu bairro de sempre, o de S. Miguel. Devo-lhe tanta coisa boa: uma parte das leituras que fiz para a minha tese de mestrado sobre a influência da Exposição do Mundo Português e da Expo'98, mas, essencialmente, o prazer que tenho em emocionar-me com a boa arquitectura na cidade de Lisboa. Mas aquilo que vos queria falar era uma dimensão mais prosaica: o de vizinho do bairro de S. Miguel. Nuno Teotónio Pereira tinha dois cães, dois fox terriers de pêlo cerdoso. Era através dos seus passeios higiénicos que me cruzava inúmeras vezes com ele. Passeavam junto ao meu prédio e percebi que se deslumbrava inúmeras vezes com as rosas que existiam nos canteiros do meu prédio. Certo dia verifiquei que alguns pés de rosas eram cortados e que tal acontecimento enervava muitos os meus vizinhos, ao ponto de se sentirem incomodados com uma aparente displicência do jardineiro. E não é quando me deparo com um dos mais improváveis ladrões de rosas: o arquitecto Teotónio Pereira ladeado dos seus dois fox terriers. Só sei que o aparato do plano emocionou-me, quase uma transcrição encenada por Jacques Tati, e a partir desse dia comecei a mentir intencionalmente nas reuniões de condomínio referindo que as rosas eram cortadas por bandos de idosas beatas que pressurosamente desfilam em direcção à missa. Para compensar as absurdas suspeitas que recaiam no jardineiro propus-lhe um aumento e declarei a mim mesmo que a existirem as rosas seriam sempre para o arquitecto Teotónio Pereira. E assim foi. E assim permanecerão. Mil rosas para si, querido vizinho Nuno Teotónio Pereira”.

[Crónica de Aquilino Machado: Diário de Notícias, 26 de Janeiro de 2016]

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

COSTA, João Pedro (2002). *Bairro de Alvalade, um paradigma no Urbanismo Português*. Lisboa: Livros Horizonte

RIBEIRO, Aquilino (1956). Domingo de Lázaro, in *Estrada de Santiago*, Lisboa: Livraria Bertrand (61-214)



JUNTA DE FREGUESIA DE ALVALADE
UMA IDEIA DE AQUILINO MACHADO | 7 DE SETEMBRO 2021